

1

Há uma pedra enorme, coberta de lama, no lavatório do meu quarto de hotel.

Raspo cuidadosamente a lama e lavo-a. A água que sai da torneira é preta.

Depois de lavada, a pedra tem a cor rosada do céu ao amanhecer. É de granito rosa e forma duas metades semelhantes aos hemisférios cerebrais.

Sim, agora vejo: é o meu próprio cérebro, que chegou aqui antes de mim.

É tão pesado, que mal consigo erguê-lo do lavatório.

2

Acordo do meu sonho com o característico aplauso dos voos *charter*, transbordando de alívio por o avião ter, milagrosamente, aterrado incólume no aeroporto de destino: Agadir.

Autocarro para o Hotel Almohades. Reservei quarto para uma noite, mas carro um mês.

Não é a piscina que me seduz, é o deserto. Em criança, li muito sobre os engolidores de fogo, os mergulhadores dos poços, as tempestades de areia e os lagos no deserto. Fiz planos para uma grande viagem no Saara. E cá estou.

Vim sozinho. Acabo de me separar de Dostoiévski, com todas as minhas anotações. Separei-me daquela que foi a minha amada. Separei-me de trinta e três anos da minha vida.

Teve, pelo menos, a vantagem de me aproximar de repente do tempo que passou antes desses trinta e três anos.

Enquanto morei na casa da minha infância, não me lembrava de nada da minha infância. Apagara-se, por assim dizer. Uma série de episódios, apenas, mas nenhuma recordação autêntica.

Também não sonhava.

Agora que saí de casa, vêm-me frequentemente à memória fragmentos da infância. E quando comecei a fazer exercícios com pesos, comecei também a sonhar, como quando era pequeno.

A memória e os sonhos não podem ser forçados. A simples intenção de o fazer tranca a porta que queremos abrir. Só lá chegamos por vias travessas e desvios.

Uma forma de nos aproximarmos da infância, que já experimentei várias vezes, é fazer agora aquilo que eu mais desejava fazer na altura. Por mais infantil e absurdo que possa parecer, tenho vontade de concretizar fielmente aquilo que, na impotência da minha tenra idade, sonhava realizar.

3

«É como mergulhar em águas negras», escreve Antoine de Saint-Exupéry a propósito da aterragem nocturna no Saara.

Quando as aeronaves postais dos seus romances faziam escala em Agadir, os pilotos tinham quatro horas antes de retomarem o voo. Lembro-me como se o tivesse lido ontem.

Iam jantar na cidade, com o corpo ainda carregado das vibrações do avião.

Eu como gambas gratinadas no restaurante Jardim de Água, em frente ao hotel, e brindo a esses pilotos com água mineral gaseificada *Oulmès*. Haverá *Oulmès* lá no Sul, onde será mesmo precisa?

Na verdade, não estou preocupado com isso. Apenas desejo que ela seja necessária.

Pelas dez horas da noite de 30 de Outubro, sentado cá fora, depois do jantar, já sinto um friozinho nas costas. Vou deitar-me cedo. Estendo-me na cama e convoco a alma da terra de ninguém, no limiar do sono. O sonho interrompido do avião surge de novo.

Torno a lavar a pedra com água negra. Esvoaçam morcegos à minha volta na escuridão da gruta. O vento produzido pelas suas asas acorda os companheiros que dormem, suspensos do tecto, de cabeça para baixo. Cabeça? A gruta é uma cabeça, um crânio oco ocupado pelas trevas sibilantes, onde me encontro, com a pedra rosada nos braços.

4

Canto stravinskiano dos pardais nos arbustos. O céu é azul com nuvens ligeiras. De manhã cedo, abandono a aldeia dos macacos em volta da piscina, sento-me no meu pequeno *Renault* e rumo tranquilamente ao Sul.

No início, os vales ainda são verdes e brilhantes de humidade. As figueiras-da-índia estão a dar fruto e sob as copas das palmeiras pendem cachos de tâmaras maduras, pesadas como úberes — amarelas, castanhas ou de um vermelho intenso, a rebentar de seiva doce.

Cor-de-rosa choque é a cor distintiva de Marrocos. Em vez das faixas brancas que pintamos no vermelho-sangue das nossas casas típicas, estas ostentam na fachada uma secção triangular invertida, com as arestas em degrau, que começa nos extremos superiores das esquinas e afunda para o centro.

Mas as casas vão escasseando, o terreno torna-se mais seco e a verdura vai ficando mais esparsa, até parecer a erva meio seca da manjedoura nos presépios da minha infância.

E quando o deserto começa a estender-se à minha volta, quando as cores da areia começam a dominar, com os seus inúmeros e monótonos matizes, quando a luz se torna tão intensa que oculta as formas, apaga as cores e nivela as irregularidades, sou atingido por uma vaga de felicidade gerada em todo o meu corpo: esta é a minha paisagem! Era aqui que eu desejava vir!

Paro o carro, saio e fico à escuta.

Um grilo, negro como uma lasca de pedra, lança um chio penetrante. O vento assobia nos seis cabos de telefone — um som fino, metálico, que não ouvia desde a infância.

E o silêncio, que é ainda mais inusitado.

Ao longe, a tenda negra dos nómadas, feita de pele de cabra, vibra ao calor do meio-dia. As mulheres e as crianças caminham à sombra dos carregos.

5

Em Tiznit, algumas delas montaram tenda no lado norte da muralha. Vêm dos territórios ocupados no Sul para venderem aqui as suas jóias.

Não usam véu. Têm crianças destemidas e um olhar destemido. Uma delas chama-se Fatima. Nos calcanhares, tem chamas pintadas com hena que lhe lambem os pés.

Com gestos tranquilos, estende no chão um pano de algodão azul e começa a retirar objectos de uma pequena arca.

Recordo-me das lojas de Agadir, com os seus artigos de couro intensamente decorados, as suas mesas de tampo de metal, os seus espessos tapetes de cores berrantes — como não terá este orientalismo de sala de fumo marcado a imagem de Marrocos e, na verdade, de todo o Norte de África!

As jóias de Fatima pertencem a outra tradição, a saariana. Interessado, pergunto quanto custam. Ela não responde.

— Aqui não é como no bazar — adverte-me em castelhano.

Terei de esperar pacientemente a continuação do ritual. As jóias são trazidas e explicadas, uma por uma.

— As três tendas na tampa da caixa são as três tribos do Sahel. — E continua. — Esta pulseira mostra o tempo da seca e o tempo da chuva.

Só depois pergunta em que objectos estou interessado. Deposita-os numa taça de madeira escura e volta a guardar os restantes na arca.

Em seguida, explica a que famílias pertencem os objectos que estão na taça de madeira. É em nome dessas famílias que ela os vai vender. E, sem hesitação, indica os preços em farinha de trigo.

Tudo isto tinha eu imaginado antes: a névoa de areia no ar, a pressão dos óculos de sol atrás das orelhas, o zumbido das moscas em volta dos postos militares, o arrepio na pele da gota de suor que escorre devagar da axila até à cintura das calças, tudo.

Mas não tinha imaginado que, poucas horas a sul de Agadir, iria comprar jóias saarianas por quinhentos quilos de farinha.

E para quem?

A estrada do deserto segue para sul, ao longo de um vale verde.

A água que sustenta a verdura não é visível, mas está lá, por baixo da terra. É a técnica de sobrevivência do deserto. As plantas que se expõem à evaporação não sobrevivem. O mesmo se passa com os cursos de água. Só os que penetraram no solo e se tornaram subterrâneos puderam permanecer e continuar a correr.

Ao lado da estrada, vejo uma planta com flores amarelas que se desenvolve em ziguezague, cobrindo o chão com uma quadrícula como a das redes de capoeira.

Vejo florzinhas de um rosa-pálido, uma espécie de campainhas num arbusto pardo e uma planta de folhas grossas, com flores azuis em forma de estrela, num pé afunilado.

Pequenos cactos crescem em cachos, como corais, protegendo-se não só com os espinhos, mas também com uma seiva branca, leitosa e ácida que, ao mais leve toque, espirra em todas as direcções.

Durante uma interminável meia hora, avanço no meio de uma nuvem de gafanhotos. Têm o tamanho de pássaros pequenos e, ao voarem, as suas asas transparentes emitem um zum-bido. São incontáveis. Brilham de humidade, rosados como camarões, e desfazem-se contra o pára-brisas com o mesmo estalido que ouvimos quando cravamos os dentes numa cabeça de camarão.

No vidro fica uma coisa amarela e viscosa que em breve tapa todo o campo de visão e me obriga a conduzir muito devagar — até a nuvem passar, tão repentinamente como apareceu.

Tan-Tan é uma cidade amarela com portadas azuis-claras. Tem uma guarnição militar — é uma espécie de Boden* marroquina — onde um soldado pode ter a imensa desdita de ser estacionado e onde será atingido pelo correspondente à «síndrome da Lapónia», *le cafard* — a depressão.

A cidade vive da guerra do deserto, no Sul. É para aqui que os soldados vêm de licença. Todos os pequenos hotéis estão ocupados pelas famílias que vêm encontrar-se com eles.

O Hotel Dakar fica junto ao terminal rodoviário. Os corredores e as caixas de escada são revestidos a azulejos, que dão uma sensação de asseio e frescura. Mas a acústica das casas de banho multiplica a intensidade dos sons. Os quartos são pequenos, com pé-direito alto. O meu quarto verde, com as portadas da janela cerradas, tem uma luz escura, de aquário.

O sol põe-se às seis da tarde. Sento-me lá fora, ao crepúsculo, a ouvir a música pentatónica. O vento do Atlântico é fresco, quase frio. Não há cerveja. A água da torneira é demasiado salgada para se beber. A água potável chega em carroças-tanques puxadas por pequenos tractores. Já não desejo precisar de *Oulmès*, desejo é bebê-la.

No café, a televisão atroa os ares. A loja de vídeos aluga vídeos. No cinema passa *O Exterminador Implacável*. A Photocopies faz fotocópias. Os lampadários acendem-se automaticamente. Mas o empregado de mesa que disse que tinham todos os legumes regressa para dizer que não têm couve-flor. Logo a seguir, informa que não têm cenouras. Interrogado sobre o que têm, propõe tomate.

* Cidade no Norte da Suécia que alberga uma importante guarnição militar. (N.T.)